Dia 5 — Festa de Nossa Senhora das Neves

Com verdade se pode dizer que a devoção à Virgem nasceu com a Igreja; e com muita razão asseguram os santos padres que se dirigiam a todos os fiéis aquelas palavras de Jesus Cristo na cruz, ditas ao evangelista São João: «Eis aí tua mãe»; e que igualmente se devem entender de cada um dos fiéis as outras que dirigiu a esta Senhora: «Mulher, eis aí teu filho.» O doce e suavíssimo título de mãe e o glorioso, não menos que proveitoso, epíteto de filhos, aplicado a todos os fiéis, animam aquela confiança, excitam aquele amor, inspiram aquele profundo respeito e promovem aquele culto singular à Santíssima Virgem que a Igreja exige de todos os cristãos; e por isso disse Santo Agostinho (Serm. 2 *de Annunt.*): *Tu es spes unica peccatorum, Maria: in te nostrorum est exspectatio præmiorum.* «Vós, ó Virgem santa, sois a única esperança dos pecadores; de vossas mãos, ou por elas, esperamos receber no céu o prêmio de nossos trabalhos»; e São Germano, patriarca de Constantinopla (Serm. *de Virg.*): *Nemo est qui salvus fiat nisi per te, o beata Virgo: nemo qui liberetur a malis, nisi per te: cujus misereatur gratia nisi per te.* «Ninguém se salva, ó Virgem bem-aventurada, senão por tua intercessão; ninguém se livra dos males desta vida senão por ela; e a ela devem o perdão todos aqueles com quem o Senhor usa de misericórdia.»

Com este mesmo conceito, a Igreja, sempre dirigida pelo Espírito Santo, não se contenta com honrar a Rainha dos céus instituindo festas particulares para celebrar cada mistério de sua santíssima vida, o de sua imaculada Conceição, o de sua Natividade, o de sua Apresentação no templo, o de sua Anunciação, Purificação e gloriosa Assunção ao empíreo; mas institui hoje uma festa particular, por ocasião de um templo que lhe foi dedicado com o título de Santa Maria Maior, ou de Nossa Senhora das Neves, para manifestar-nos de todos os modos o zelo que a anima pela honra de Maria e o apressado ardor com que solicita a salvação de todos os seus filhos. O sucesso que deu motivo a esta festa particular é o seguinte.

Por meados do século IV, no pontificado do papa Libério, e sendo imperador Constâncio, João, nobre patrício romano, cuja casa era uma das mais antigas e mais ilustres daquela cabeça do mundo, mas ele próprio mais respeitado por sua conhecida virtude do que por sua qualificada nobreza, quis dar algum público testemunho de sua fervorosa devoção à Santíssima Virgem, a quem singularmente se havia consagrado desde os seus mais tenros anos. Não tinha filhos e, de acordo com sua mulher, não menos nobre nem menos virtuosa do que ele, resolveu deixar por herdeira a Santíssima Virgem, que depois de Deus era tudo para o virtuoso cavalheiro. Comunicado o intento à sua esposa, que, animada da mesma piedade, o estava também dos mesmos devotos pensamentos, determinaram fazer muitas orações e esmolas para que a Virgem se dignasse manifestar-lhes em que coisa mais de seu agrado empregariam os bens que já tinham dedicado a seu serviço. Aquela mãe do casto amor, da sabedoria e da santa esperança, que diz: «Vinde a mim todos os que me desejais com ânsia, e enchei-vos de meus frutos», ouviu

benignamente os rogos daqueles seus fervorosos devotos e, na noite do dia 5 de agosto, apareceu em sonhos aos dois separadamente. Depois de declarar-lhes quanto lhe agradava sua terna devoção e quão de seu gosto era a piedosa resolução que haviam tomado, acrescentou que a vontade de seu Filho e a sua era que empregassem seus bens em edificar em sua honra uma igreja no monte Esquilino, em cujo cimo achariam não só demarcado o sítio, mas traçado o plano do templo por uma porção de neve milagrosa.

Como a visão se fizera aos dois, não duvidaram de que fosse legítima e sobrenatural. Não obstante, comunicaram-na ao papa Libério, o qual tivera outra em tudo semelhante na mesma noite; e, vendo que o céu se explicava, quis o pontífice verificar o fato por seus próprios olhos. Mandou reunir o clero e, acompanhado do patrício João, de sua mulher e de todo o povo, foi processionalmente ao sítio onde se havia anunciado a maravilha. Chegaram ao monte Esquilino, e nele se achou um espaço todo coberto de neve, não obstante ser na força do estio e no maior rigor dos calores. Assombrou a todos o prodígio, e ao assombro seguiram-se os mais ternos movimentos de devoção, de amor e de agradecimento à Santíssima Virgem. Delineou-se logo a igreja, conforme ao mesmo plano que a milagrosa neve manifestava; e em breve tempo ficou edificada a expensas do patrício João. À vista de tão sensível milagre, não pôde deixar de excitar-se a devoção dos fiéis. Toda a cristandade venerou aquele templo como lugar santo e singularmente privilegiado pela particular escolha que merecera à Santíssima Virgem. Ainda que, tanto em Roma como em outras partes, houvesse muitos oratórios consagrados a Deus e erigidos em honra de sua Santíssima Mãe, esta foi propriamente reputada a primeira igreja que em Roma se dedicou à soberana Rainha. A princípio chamou-se a Basílica de Libério, isto é, a igreja maior da Virgem, edificada pelo papa Libério; porque a palavra grega *Basilike* significava em outro tempo palácio real, ou um edifício suntuoso e público, adornado de pórticos, naves, tribunas e tribunal, onde os reis davam audiência e faziam justiça; depois limitou-se a significar uma igreja suntuosa. Observava-se também outra diferença entre as basílicas e os templos, chamando-se templos os que tinham as colunas pela parte de fora, e basílicas os que as tinham pela de dentro. À basílica de que vamos falando chama-se também igreja de Nossa Senhora das Neves, pelo milagre que fica referido. Além disso, ainda hoje se lhe dá o nome de Santa Maria *ad præsepe*, por se venerar nela o mesmo presépio que serviu de berço ao Salvador e que foi trazido de Belém, conservando-se na dita igreja como preciosa relíquia. O papa São Sisto III, um dos mais zelosos defensores da divina maternidade da Santíssima Virgem, mandou reparar magnificamente esta igreja pelos anos de 437 e adornou-a com um altar de prata, com cálices, cibórios, coroas, castiçais, com um turíbulo e uma pia batismal do mesmo metal, além das muitas casas e herdades que lhe consignou para sustento e manutenção dos ministros que nela celebrassem os divinos ofícios. Foi este como que um troféu contra a heresia de Nestório, que o santo pontífice erigiu, depois do célebre concílio de Éfeso, em honra da Mãe de Deus, segundo no-lo ensina uma inscrição daquele tempo, gravada numa pedra, que ainda hoje se conserva. Na carta que o papa Adriano escreveu ao imperador Carlos Magno, diz que seu predecessor São Sisto colocou naquela basílica muitas imagens e pinturas de grande valor. Tudo isso prova que a devoção à Virgem foi de todos os tempos da Igreja, e que nela, desde o seu próprio nascimento, se praticou erigir altares a Deus e edificar templos magníficos em honra de sua Santíssima Mãe, como o convence o que havia em Éfeso quando ali se celebrou aquele famoso concílio, o qual estava edificado muitos anos antes da heresia de Nestório. Por ter São Sisto reparado a igreja de Nossa Senhora das Neves, chamou-se ela a basílica de Sisto; até que, multiplicadas em Roma as igrejas dedicadas à Santíssima Virgem, para distinguir esta de todas as

demais, deu-se-lhe o nome de Santa Maria Maior, e é este o que conserva hoje.

A esta basílica dirigiu São Gregório, papa, a procissão geral, composta de todo o clero e de todo o povo romano, para alcançar de Deus que largasse da mão o triste açoite da peste que assolava toda a Itália. À mesma se encaminhou também outra procissão geral, no tempo do papa Leão IV, para que o Senhor livrasse todo o país de um monstruoso dragão que o destruía. No ano de 653, depois que o imperador Constante tirou cruelmente a vida aos generosos defensores da fé católica no Oriente, enviou ordem ao exarca de Ravena para que prendesse o santo pontífice Martinho, açoite dos hereges. Achava-se o santo papa celebrando o sacrifício da missa na igreja de Santa Maria Maior, quando nela entrou o assassino encarregado de tirar-lhe a vida, ainda que fosse no altar; mas, logo que pôs o pé na igreja, ficou repentinamente cego. Estas e outras maravilhas que o Senhor obra a cada dia por intercessão da Virgem naquele templo, que ela mesma escolheu para ser nele singularmente reverenciada, tornaram-no tão célebre na cristandade que de toda ela concorrem a ele os fiéis para render-lhe seus cultos e oferecer-lhe seus fervorosos votos; pelo que não se deve estranhar que, depois da igreja de São Pedro, seja a de Santa Maria Maior reputada a mais rica e mais magnífica de Roma.

Sempre ansiosa a Igreja católica por render à Santíssima Virgem o culto que se deve à sua augusta qualidade de Mãe de Deus, medianeira entre Jesus Cristo e os homens, rainha do céu e da terra, refúgio dos pecadores, mãe de graça e de misericórdia, não é maravilha que em toda parte se veja tanta multidão de templos consagrados a Deus sob a invocação e em honra desta Senhora. Só em Roma contam-se mais de sessenta igrejas dedicadas ao seu nome. Não se mostrou menos devota nem menos magnífica Constantinopla, tanto na suntuosidade como na multidão de templos que lhe consagrou, pois por seu grande número se chamou em certo tempo a cidade da Mãe de Deus. Não havia rua onde não se visse algum; não havia palácio nem casa de alguma consideração sem alguma capela ou oratório dedicado à Virgem. O templo mais célebre de todos era o que se edificou fora dos muros da cidade, no sítio que se chamava Blaquernas, por ordem e à custa da imperatriz Pulquéria. As igrejas que se contavam no Oriente e na África em honra desta Senhora, antes que os sarracenos e os turcos se apoderassem daquelas vastas províncias, eram inumeráveis. São sem número as que se veneram no Ocidente, cuja antiguidade não só compete com a das dos mártires e dos apóstolos, mas a excede. Além das muitas que se veem em toda a Itália, quase todas as catedrais da Espanha, cujas antiguidades eclesiásticas têm sua origem no próprio berço da religião, veneram por sua titular a Rainha dos anjos. Na França passam de quarenta as matrizes, e são oito as metrópoles consagradas à mesma soberana Rainha, entre as quais a de Paris e a de Le Puy cedem a poucas em antiguidade. Na Alemanha, nos Países Baixos, na Sicília, na Inglaterra, na Polônia, na Dinamarca e na Suécia, ainda hoje se registram frequentes monumentos, ilustres memórias da antiga devoção daqueles povos à Mãe de Deus, sem que a guerra que a heresia sempre lhe declarou tenha podido apagar de todo aqueles brilhantes testemunhos que acreditam a piedade dos verdadeiros fiéis. Mas, como entre todas as igrejas dedicadas em sua honra nenhuma há mais notável que a de Nossa Senhora das Neves, tanto por ter merecido sua singular escolha como pelo milagre que de certo modo canonizou sua fundação e fábrica, todos os anos se celebram a memória e a festa de sua dedicação neste dia 5 de agosto, assim como no dia 9 de novembro se celebra a dedicação da basílica do Salvador.

Está tão autorizada na Igreja a devoção à Santíssima Virgem que todo verdadeiro católico reconhece sua utilidade e sua grandíssima importância, considerando-se todos obrigados a professar-se humildes e fiéis servos da Rainha dos céus. Neste ponto vão conformes a Igreja grega e a latina, sem que nele tenham tocado as divisões do cisma. Tanto no Oriente como no Ocidente se fazem orações públicas à Virgem, celebram-se festas em sua honra, dedicam-se templos a Deus sob o seu nome, expõem-se suas imagens nos altares, e ela é invocada sem cessar no ofício divino e no santo sacrifício da missa. Não há maior prova desta verdade do que a conformidade dos gregos conosco, bem considerada a geral e veemente inclinação que têm a desviar-se de nossos ritos e de nossos dogmas. Uns e outros recebemos esta doutrina de nossos pais, pela constante tradição de todos os séculos, derivada desde os apóstolos até nós. Quanto à devoção à Santíssima Virgem, os gregos de nossos tempos seguem as mesmas opiniões que seguiram Santo Atanásio, São João Crisóstomo e São Cirilo. Da mesma maneira no-la comunicou São Bernardo, tendo-a recebido de Santo Ambrósio, de São Jerônimo, de Santo Agostinho e dos primeiros padres da Igreja latina. «Ainda que não tivéssemos outra prova (diz este servo de Maria) de que esta tradição vem derivada dos apóstolos senão a muita força que ela já tinha quando se celebrou o concílio de Éfeso, quem poderia racionalmente duvidar dela? Aquela unânime conspiração dos sábios, do povo, dos santos, da cabeça visível da Igreja, de todos os bispos católicos, que não puderam desfazer todos os artifícios nem toda a conjuração do partido nestoriano; aquele ardor de todos os ortodoxos, não só em defender o dogma particular de que se tratava, mas em exaltar mais e mais as grandezas e excelências da Virgem, quanto mais o erro e a malignidade se empenhavam em abatê-las, em pronunciar a cada dia mais frequentes panegíricos e em edificar-lhe novos templos até na própria capital do império; todo esse vivo, eficaz, ardente e universalíssimo zelo, que outro fundamento podia ter senão o da estabelecida e permanente tradição? E como a poderíamos já pôr em dúvida, ainda que ignorássemos os canais por onde ela se derivou até nós?» *Devotum illi esse*, diz São João Damasceno (Orat. *de Assumpt.*), *est arma quædam habere, quæ Deus iis dat, quos vult salvos fieri.* «Professar-vos, ó bem-aventurada Virgem, uma particular e terna devoção é ter já certas armas defensivas, que Deus só cinge e comunica a seus predestinados.» «Que seria de nós (exclama São Germano, bispo de Constantinopla), se tu nos desamparasses, ó Santíssima Mãe de Deus, alma e vida de todos os cristãos!» (Serm. *de Virg.*): *Si tu nos deserueris, quidnam de nobis fieret, o sanctissima Deipara, spiritus et vita christianorum!* «Dediquemo-nos inseparavelmente ao serviço desta soberana Rainha (diz o venerável Beda), que jamais abandona os que, depois de Deus, nela colocam toda a sua confiança»: *Serviamus semper tali reginæ Mariæ, quæ non derelinquit sperantes in se.*

Martirológio Romano

Em Roma, no monte Esquilino, a dedicação da basílica de Nossa Senhora das Neves.

Também em Roma, o suplício de vinte e três mártires, que, durante a perseguição de Diocleciano, foram decapitados e enterrados na antiga via Salária.

Em Augsburgo, a festa de Santa Afra, mártir, que do paganismo se converteu à fé de Jesus Cristo pelas instruções de São Narciso, bispo, e foi entregue às chamas pela confissão da fé.

Em Áscoli, na Marca de Ancona, Santo Emídio, bispo e mártir, que, tendo sido consagrado bispo pelo papa São Marcelo e enviado àquela cidade para pregar o Evangelho, confessou a Jesus Cristo e recebeu a coroa do martírio sob o imperador Diocleciano.

Em Antioquia, Santo Eusígnio, soldado, que, tendo chegado à avançada idade de cem anos, e tendo recordado a Juliano, o Apóstata, a fé do grande Constantino, sob cujas ordens militara, e lançado-lhe em rosto ser um desertor da piedade de seus pais, foi condenado pelo tirano a que lhe cortassem a cabeça.

Na dita cidade, São Cantídio, São Cantidiano e São Sobel, egípcios, mártires.

Em Châlons, na França, São Mêmio, cidadão romano, que, consagrado bispo pelo apóstolo São Pedro para aquela cidade, persuadiu da verdade do Evangelho o povo que lhe fora confiado.

Em Autun, São Cassiano, bispo.

Em Teano, São Páris, bispo.

Na Inglaterra, Santo Osvaldo, rei, cujas atas foram escritas pelo venerável Beda.

No mesmo dia, Santa Nona, mãe de São Gregório Nazianzeno.

Perto de Chartres, diocese de Paris, Santo Yon, mártir.

Em Bourges, São Viator, bispo.

Em Viviers, São Venâncio, bispo, primeiro deste nome.

No Hainaut, Santo Abel, arcebispo de Reims, depois monge em Lobbes, cujo corpo se venera em Binche.

Em Cambrai, o venerável Thierry, bispo daquela cidade, que assistiu aos concílios sétimo e oitavo de Paris e ao primeiro de Quierzy.

Em Paderborn, o bem-aventurado Hatumaro, primeiro bispo daquela cidade.

Em Florença, o venerável Gero, camaldulense.

Missa (oração)

A missa é em honra da Santíssima Virgem, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Concede nos famulos tuos, quæsumus, Domine Deus, perpetua mentis et corporis sanitate gaudere; et gloriosa beatæ Mariæ semper Virginis intercessione a præsenti liberari tristitia, et æterna perfrui lætitia. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, Senhor, constante e perpétua saúde na alma e no corpo; e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada Virgem Maria, sejamos livres dos presentes trabalhos e gozemos um dia das consolações eternas. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»).

Eclesiástico 24,14-16

> **Latim:** 14 Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. 15 Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. 16 Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea.

Português: 14 Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. 15 E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. 16 E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

Nota

«O capítulo 24 do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, contém o elogio da sabedoria, feito pela própria Sabedoria: sua origem, suas obras, sua excelência e sua elevação. A Igreja, sempre dirigida pelo Espírito Santo, aplica à Santíssima Virgem o que de si diz a Sabedoria; pelo que não se pode duvidar de que o Espírito Santo a teve por objeto quando formou este retrato.»

Reflexões

Lancei raízes no povo que Deus honrou com sua particular benevolência, ou, como diz o texto grego, no povo que o Senhor escolheu para sua herança. É a Santíssima Virgem mãe dos escolhidos; e com razão se tem por um dos mais seguros sinais de predestinação o ser verdadeiro devoto desta Senhora. Em todos os santos se reconheceu este sinal; o profundo respeito e a amante ternura que lhe professaram foram um dos traços de seu retrato e, na maior parte deles, seu distintivo e seu caráter. A heresia é a única que nunca pôde olhar com bons olhos aquela que esmagou a cabeça do dragão, dissipando e destruindo ela só todas as heresias, como canta a Igreja: *Sola interemisti.* «Que se pode pensar (exclamava no século passado o modelo, por assim dizer, dos oradores cristãos), que se pode pensar daqueles engenhos sempre prontos a excitar dúvidas sobre as grandezas da Santíssima Virgem e sobre suas mais ilustres prerrogativas? Que se pode pensar de quem aplica todo o seu estudo a perturbar a piedade dos povos, intentando unicamente cingi-la e estreitá-la com todo gênero de metafísicas e sutilezas, e desacreditando as devoções mais antigas? Talvez vise a aniquilá-la, em vez de trabalhar por propagá-la e estendê-la. Pois quê! Será possível que entre os cristãos nos hajamos de ver reduzidos, nestes tempos, à triste necessidade de defender a honra e o culto que toda a Igreja católica estava em direito e em posse de render à Santíssima Virgem? Depois que os primeiros homens de nossa religião esgotaram seus engenhos em publicar as grandezas da Mãe de Deus; depois que desconfiaram de achar palavras proporcionadas à sublime elevação de seu estado; depois que Santo Agostinho confessou sua insuficiência, protestando que lhe faltavam expressões para tributar à Imperatriz dos anjos os devidos louvores: *Quibus te laudibus efferam nescio*; achar-se-ão ainda alguns que temam louvá-la com excesso, ou que se atrevam a dizer que ela é honrada em demasia? À medida que se iam corrompendo os corações com a mal dissimulada aparência de reforma, foi-se refinando e sutilizando sobre a singeleza e simplicidade do culto. À medida que a fé se foi debilitando e enfraquecendo, pretendeu-se avivá-la e purificá-la pela sonhada reforma de imaginários abusos. Se tivessem sido consultados estes ímpios e indiscretos censores do culto da Santíssima Virgem, nunca teriam consentido em tão grande número de festas instituídas em sua honra; não teriam votado pelo infinito número de templos e de altares dedicados a Deus com o nome desta Senhora; ter-lhes-ia chocado muito toda essa variedade de devoções e de exercícios piedosos estabelecidos na Igreja para fomentar nos fiéis sua terna devoção; e, se se desse ouvidos ao espírito do erro, depressa seriam inteiramente abolidos. Mas subsiste e subsistirá o culto da Santíssima Virgem, apesar dos esforços que há tantos séculos faz a heresia para desterrá-lo. Nunca prevalecerão as portas do inferno contra o zelo dos verdadeiros cristãos. Vós, ó santa Mãe de Deus, sois aquele escolho em que se despedaçaram todos os erros, e vós o sereis perpetuamente. Vós sozinha triunfastes de todas as heresias. Mal se levantou alguma no cristianismo que não vos tenha atacado; mas nem uma só se achará que vós não tenhais confundido»: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,27-28

> **Latim:** [27] Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [28] At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: [27] E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. [28] Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Da devoção à Santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que basta refletir e entender o que significam estas duas palavras, *Mãe de Deus*, para professar à Santíssima Virgem uma devoção afetuosa, um amor terno, uma veneração profunda e uma confiança filial, que a religião fomenta e a Igreja nos inspira em todas as suas festas. A Virgem é Mãe de Deus; logo, foi imaculada e santa a sua conceição, cumulada de graças, adornada de virtudes, enriquecida com todos os dons celestiais, e ela só mais santa que todos os santos juntos. Maria é Mãe de Deus; logo, é rainha do céu e da terra, filha amada do Pai eterno, esposa querida do Espírito Santo, medianeira entre seu Filho e nós; de maneira que, ao passo que as inteligências celestiais não são mais que servos e ministros do Altíssimo, só Maria é elevada à dignidade de mãe do mesmo Deus. Considera a autoridade que uma mãe tem sobre seu filho e a parte que lhe cabe em sua majestade, em sua dignidade e em sua glória. Privar-se-ia só a esta Senhora daqueles direitos que a natureza comunica a todas as demais mães? E, sendo certo que nenhum filho jamais amou tão ternamente sua mãe como o Salvador do mundo amou a sua, que santidade, que grandeza, que majestade será a de Maria! Quanto poderá sua intercessão junto a seu Filho! Quanto será seu valimento! Poder-se-á racionalmente temer que o Filho se dê por ofendido de que se ame e de que se honre sua Mãe? Poder-se-á recear excesso ou demasia em amar e em honrar com ternura, com devota confiança, a Maria, sendo mãe de tal Filho? Por isso a própria Igreja, descobrindo todas as grandezas que se encerram na gloriosa qualidade de Mãe de Deus, e querendo depois tributar a Maria todos aqueles cultos que são proporcionados a tão sublime elevação; esgotadas já as palavras mais nobres e mais magníficas, apuradas as expressões mais vivas e mais enérgicas para manifestar o respeito de que está altamente penetrada, tendo-as por insuficientes; pouco satisfeita de seus elogios e desconfiada de encontrar termos proporcionados à sua grandeza, exclama com Santo Agostinho: *Quibus te laudibus efferam nescio.* «Faltam-me, Senhora, palavras, e não acho vozes bastantemente expressivas para dar a entender minha veneração: *Quia quem cœli capere non poterant tuo gremio contulisti.* O verdadeiro motivo de minha insuficiência, e de não me ser possível louvar-vos nem honrar-vos como mereceis, é porque

sois Mãe de Deus.» Compreendemos bem o que significam estas duas palavras? E, se o compreendemos, será jamais demasiado o que fizermos em honra da Santíssima Virgem? E será bastante tudo o que fizermos e dissermos?

Segundo ponto

Considera que, achando a Igreja no título de Mãe de Deus um objeto de veneração tão digno de ser proposto aos fiéis, descobriu ainda no mesmo título outro motivo, ou, para melhor dizer, outro fundo de confiança que lhes apresentar para sua maior consolação. No augusto título de Mãe de Deus incluem-se e tornam-se patentes aqueles tesouros de graças com que ela regala seus filhos; por esse magnífico título achamos em Maria uma poderosa medianeira junto ao Homem-Deus concebido em suas entranhas; um asilo aberto a todos os pecadores; uma mãe cheia de ternura para com todos os mortais; porque tudo isso diz quem diz Mãe de Deus. Sim; ser Mãe de Deus é ter dado aquele mesmo sangue que se derramou por nós na cruz, gerado o adorável corpo que serviu de resgate ao gênero humano, concebido em seu ventre e produzido da melhor parte de si mesma aquela vítima que aplacou a ira de todo um Deus irritado. É ter alimentado com seu leite, criado com indizível cuidado e separado de si com inexplicável dor o filho mais amado do mundo, para vê-lo depois cravado num madeiro. É, enfim, ter consentido na morte desse mesmo querido filho por amor dos homens, e tê-lo sacrificado à nossa salvação. Em vista disso, que maravilha é que os padres lhe deem o título de Corredentora e que digam com a Igreja que, se se atribui a Eva a perdição do gênero humano porque apresentou ao primeiro homem o fruto proibido, não há razão para negar a Maria uma cooperação especial em nossa redenção, pois produziu aquele divino fruto que por nós pendeu da árvore da cruz! Quem poderá pensar que nos amasse pouco a Santíssima Virgem e que pouco se compadecesse de nossas necessidades, à vista de tudo o que fez em nosso benefício? E poder-se-á tampouco imaginar que não tenha no céu muito valimento junto a seu Filho aquela a quem este mesmo Filho esteve tão sujeito e tão submisso enquanto viveu na terra? «Pede, minha mãe, o que quiseres», dizia Salomão a sua mãe: *Pete, mater mea*; «porque nada te posso negar»: *Neque enim fas est ut avertam faciem tuam.* Nisto consiste a onipotência, por assim dizer, de Maria; não é independente e absoluta como a de Deus, é onipotência de pura intercessão: *Omnipotentia supplex*; mas não é menos eficaz. Esta é a que reconheceram os santos padres quando recorreram à Virgem em termos tão respeitosos e cheios de tão bem fundada confiança. Oh, quanto perdemos, quanto nos prejudicamos em ter um amor tíbio e desfalecido, em professar uma devoção superficial à Santíssima Virgem!

Confesso-o com grande confusão, ó Mãe de meu Deus e amantíssima mãe minha: a confiança que até agora tive em vossa bondade não passou de medíocre, porque foi muito imperfeita a devoção que vos professei. Movam-vos, Mãe de misericórdia, à compaixão deste infiel, deste ingrato servo, minha confissão e meu arrependimento. De novo me consagro todo e totalmente a vosso serviço; dignai-vos receber-me no número de vossos humildes servos.

Jaculatórias

> *Ave, gratia plena; Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus.* Lc 1.

Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; bendita és tu entre todas as mulheres.

> “ *Exultabimus et lætabimur in te, memores uberum tuorum; recti diligunt te.* Ct 1.

Sim, Virgem Santíssima, todos nos regozijamos indizivelmente quando consideramos que criaste com o leite de teus virginais peitos teu Filho e nosso Salvador. Todos os corações retos e justos te amam ardentemente.

Propósitos

1. Eram muito familiares aos maiores santos alguns exercícios devotos em honra da Santíssima Virgem, mas especialmente certas orações curtas e vivas, a modo de jaculatórias, que não lhes caíam da boca e que tinham impressas no coração. A de Santo Atanásio era esta: «Roga por nós, ó santíssima Senhora, rainha e Mãe de Deus»: *Intercede, hera, domina, et regina, et mater Dei, pro nobis.* Santo Epifânio exclama frequentemente: «A teus pés me lanço, reconhecendo teu poder, ó Virgem santa, soberana princesa»: *Advolvor genibus tuis, o Domina mea.* São João Crisóstomo repetia: «Pede a Deus, ó celestial Senhora, que nos faça santos»: *Supplica Deum ut animas nostras salvet.* São Basílio clamava: «Olha-nos, Senhora, com olhos propícios, da elevação de teu trono»: *Aspice nos de cœlo oculo propitio.* Santo Agostinho tinha sempre nos lábios esta oração, que a Igreja depois tomou dele: «Santa Maria, socorre os miseráveis»: *Sancta Maria, succurre miseris.* Mil vezes ao dia costumava São Germano repetir esta outra: «Que será de nós, Santíssima Mãe de Deus, se tu nos desamparares?»: *Si tu nos deserueris, quidnam de nobis fiet, sanctissima Deipara?* «Virgem santa (prorrompia a cada passo São Bernardo), tu és nossa soberana, nossa medianeira e nossa advogada»: *Domina nostra, mediatrix nostra, advocata nostra.* «Ó Virgem admirável (continua o mesmo), tu reparaste a perda de nossos primeiros pais e tu vivificas sua posteridade!»: *O Virginem admirandam, parentum reparatricem, et posterorum vivificatricem!* Escolhe destas jaculatórias a que mais te agradar; torna-a familiar, repete-a muitas vezes ao dia, e muitas também a cada hora.

2. Professa uma terna e amorosa devoção, e tem inteira confiança na Santíssima Virgem, recorrendo a ela em todas as tuas necessidades. Não só a cada semana, mas a cada dia hás de fazer alguma coisa em sua honra. Jejuar aos sábados; rezar o rosário todos os dias; vestir alguma donzela pobre todos os anos; visitar todos os meses alguma igreja ou capela sua; rezar a Ave-Maria quando o relógio dá as horas; confessar-se e comungar em todas as suas festividades. Estes piedosos exercícios, qualquer um os pode fazer, e lhe merecerão mil bênçãos do céu, contanto que sejam acompanhados de uma vida cristã e regrada. Ditosa a alma que, depois de Deus, coloca em Maria sua esperança. Ditosos aqueles que, cheios de veneração para com o Filho, aprenderam desde a infância a recorrer à proteção da Mãe e não se privaram, por falta de confiança ou de

devoção, de um dos mais eficazes e mais poderosos meios que Deus nos deixou para nos salvarmos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:07 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:07 by Admin